

**Menino brinca de boneca?  
Discutindo a hierarquização dos sexos com Foucault**

*Does a boy play with a doll?  
Problematizing the hierarchization of the sexes with Foucault*

Eliézer Reis VICENTE<sup>1</sup>

**Resumo**

Este artigo objetiva entender como o dispositivo da sexualidade promove saberes sobre o sexo e a sexualidade das crianças e compreender como os acontecimentos históricos atravessam a prática discursiva social e instauram uma hierarquia entre os sexos, naturalizando discursos que marcam a vida de meninos e de meninas. Discutimos a questão a partir do enunciado/imagem que carrega um discurso emblemático da materialização de um mundo de dois sexos, a imagem composta por um menino brincando de boneca extraída de um vídeo no *Youtube* referente a um comercial da marca de brinquedos *Baby Alive*. Para essas discussões, articulamos com os conceitos elaborados por Michel Foucault, que contribuem para uma análise *arqueogenealógica*, o que significa, arqueologicamente, priorizar o imbricamento entre a descrição dos enunciados e, geneologicamente, a análise das estratégias de poder circunscritas nesses enunciados. Considerações são traçadas em relação ao pensamento do filósofo das *Luzes*, Jean-Jacques Rousseau, para quem meninos e meninas devem ter seus papéis sociais cuidadosamente definidos.

**Palavras-chave:** Dispositivo da sexualidade. Hierarquia dos sexos. Menino. Menina. Boneca.

**Abstract**

This article aims to understand how the sexuality device promotes knowledge about the sex and sexuality of children and to understand how historical events cross the social discursive practice and establish a hierarchy between the sexes, naturalizing discourses that mark the life of boys and girls. We discuss the issue from the enunciation/image that carries an emblematic discourse of the materialization of a world of two sexes, the image composed by a boy playing with a doll extracted from a YouTube video referring to a commercial of the Baby Alive toy brand. For these discussions, we articulate with the concepts elaborated by Michel Foucault, which contribute to an archaeogenealogical analysis, which means, archaeologically, to prioritize the imbrication between the description of the enunciates and, geneologically, the analysis of the strategies of power

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT/UEG). Bolsista CAPES. E-mail: eliezervicente@gmail.com

circumscribed in these enunciates. Considerations are drawn in relation to the thought of the philosopher of the Enlightenment, Jean-Jacques Rousseau, for whom boys and girls should have their social roles carefully defined.

**Keywords:** Sexuality device. Hierarchy of sexes. Boy. Girl. Doll.

## Introdução

A figura de um menino brincando de boneca poderia ser uma atividade normal suscetível em qualquer lar, não é mesmo? A resposta a essa questão poderia ser simples e óbvia, se fosse levado em consideração que toda e qualquer criança busca interação com tudo aquilo que a cerca em suas fases de desenvolvimento, despreziosas de que aquilo com que interage marcaria para sempre sua sexualidade, podendo inclusive, “manchar” a honra do seu sexo.

Em pleno século XXI, se faz necessário refletir sobre a educação sexista, patriarcal e diferenciada para meninos e meninas vigentes em nossa sociedade. Desde muito cedo, as crianças vão sendo socializadas e passam por um processo de inculcação sobre os papéis definidos quanto ao seu gênero.

Na esteira de pensar os gêneros e sexualidades como performatividades, posicionalidades, existências [...], problematizamos o orquestramento das definições que se escrutinam as genitálias desde os exames. A criança que está por vir já tem nome, sexo, sexualidade, enxoval, quarto, brinquedos, às vezes um casamento definido e toda a sorte de marcadores de gêneros amparados na possibilidade de nascer e ser/estar homem ou mulher, imersos em projetos de masculinização dos meninos e projeto de feminilização das meninas, como denomina Baliscei (2020) em seus estudos, a fim de adequá-los às normas binárias, cisgênero e heterossexuais vigentes, que conforme explica Letícia Nascimento (2021, p. 19) “[...] não somos naturalmente generificados”, ao contrário “[...] há um processo de produção de nós, de nossos gêneros, de nossos corpos”, ou seja, existe uma produção de heterossexualidade.

Os marcadores de gênero e suas variadas possibilidades fomentam, hoje, a prática dos chás-revelação. É menino ou menina? Só parecem existir duas cores: Rosa, se for menina; Azul, se for menino. Gênero à vista: estourar balões, cortar bolo, abrir caixas, misturar líquidos, acionar fumaças são algumas das ações a partir das quais o sexo da criança não nascida é “descoberto”. Explosões de rosa ou azul, no sentido mais belicoso

e literal quando temos contato com notícias, como a do pai que provocou um incêndio florestal ao disparar contra os alvos que revelariam o sexo da criança.

As práticas sexuais e os modos de como os sujeitos vivenciam (ou não) seus prazeres sexuais foram socialmente delegados para o âmbito do privado e do íntimo, assim, recorre-se ao *gênero* para produzir heterossexualidades.

As reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: “Pare com isso! Isso não é coisa de menino!”. A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada “menino não chora!”, “comporta-se como menina!”, “isso é coisa de bicha!”, a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada (BENTO, 2011, p. 551).

O que temos visto é um processo de socialização de gênero que possibilita experiências corporais marcadas por uma relação desigual que diz respeito às experiências vividas por meninos e meninas. Uma relação desigual caracterizada por uma disciplina heteronormativa de controle, regulação, docilização, normatização e hierarquização dos corpos e dos desejos de meninos e de meninas forjadas por práticas e estratégias de organização dos tempos e espaços sociais. Um ato disciplinar insula meninos e meninas, individualiza a criança que transgride os lindes de gênero, tratando-a como um “caso” a ser observado, vigiado, examinado e, se possível, normatizado.

Para discutir tais questões, escolhemos, partir do enunciado/imagem que carrega um discurso emblemático da materialização de um mundo de dois sexos, a saber: Figura 1, imagem composta por um menino brincando de boneca extraída de um vídeo no *youtube* referente a um comercial da marca de brinquedos *Baby Alive*, que segue abaixo:

Figura 1 – Menino brincando de boneca.



Fonte: Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=T-FbFuS\\_mxU](https://www.youtube.com/watch?v=T-FbFuS_mxU).  
Acesso em: 20 ago. 2022.

Portanto, objetivamos neste artigo entender como o dispositivo da sexualidade promove saberes sobre o sexo e a sexualidade das crianças e compreender como os acontecimentos históricos atravessam a prática discursiva social e instauram uma hierarquia entre os sexos, naturalizando discursos que marcam a vida de meninos e de meninas. Para essas discussões, articulamos com os conceitos elaborados por Michel Foucault, que contribuem para uma análise *arqueogenealógica*, o que significa, arqueologicamente, priorizar o imbricamento entre a descrição dos enunciados e, genealologicamente, a análise das estratégias de poder circunscritas nesses enunciados. A isso, incluímos considerações sobre a importante figura do filósofo das *Luzes*, Jean-Jacques Rousseau, para quem meninos e meninas devem ter seus papéis sociais cuidadosamente definidos.

### **O mundo de dois sexos e sua hierarquização**

Em *História da Sexualidade IV: As confissões da carne* (2021) dá continuidade à investigação histórica de pensar a sexualidade como noção central na genealogia do

sujeito moderno, discutidos pelo filósofo francês Michel Foucault nos volumes I, II e III desta frutuosa pesquisa. Nos seus trabalhos de 1970, Foucault dedicou-se a pensar como, o que hoje chamamos de “ser humano”, foi moldado por meio de mecanismos de poder, de regimes de saber, de disciplinas científicas e de máquinas políticas, nos seus estudos de 1980 sobre sexualidade é operado um deslocamento para esta reflexão. Agora, os saberes e poderes ganham um novo *locus* com a problemática do governo de si e dos outros; com ela, são analisadas as relações dos sujeitos com a verdade, em volta das quais se engendram regimes de governo e de técnicas de si. Entretanto, com essa publicação póstuma do volume IV, intensificase a problematização dos *aphrodisia*: “uma economia geral dos prazeres e das forças” (Foucault, 2021, p. 451) em que o autor se baseavam, a grosso modo, para buscar conformidade com a natureza e exigência de contenção diante dos riscos de excesso em relação aos prazeres. Na terceira parte, dedicada ao outro lado da vida cristã, o “ser casado”, o autor percebe uma atualização das conhecidas técnicas estratégicas da arte cristã de governar. Com a questão matrimônio, a submissão da mulher ao homem e todas as consequências disso, um tanto naturalizadas, evidenciam-se nessa parte da obra, sinais da proveniência de um machismo bem alicerçado e cristalizado no Ocidente.

Mesmo que tenhamos de um lado o homem “dominador” do “sexo frágil”, houve tempos em que a mulher foi considerada a causa de todos os males em sua acepção negativa, de mulher sedutora e geradora da expulsão do paraíso. Santo Agostinho até sugeria que somente no deserto os homens estariam a salvo das tentações e, especialmente, das mulheres (CATTONÉ, 1994). Com início no cristianismo primitivo, sobrevivendo pela Idade Média, passando pelo Renascimento até o século XVII, essa imagem de mulher maléfica que instituiu uma relação entre feminilidade, sexo e o mal, pois lançava os homens uns contra os outros, semeando luxúria e ciúmes, “[...] a mulher passa a corporificar a corrupção material associada à carne” (NUNES, 2000, p. 22), principalmente pela crença de seu surgimento da “costela de Adão”, contra a qual era inútil lutar, pois era uma inferioridade naturalizada, uma vez que somente graças aos homens que elas puderam existir.

Com a chegada do século XVIII, um novo perfil feminino emerge. A mulher maléfica vem disciplinada e as diferenças entre homens e mulheres, agora, passam a ser vinculadas à diferença sexual. A teoria dos humores de Aristóteles e de Galeno e a

descrição judaico-cristã formam dois sistemas que alicerçam tal pensamento. A propósito dos *aphodisia*, no tratado *Do uso das partes*, Foucault descreve:

[...] para ele como para toda uma tradição filosófica, é na falta de eternidade que se enraíza a necessidade da separação dos sexos, a intensidade de sua atração recíproca e a possibilidade da geração. [...] ‘vire para fora as partes da mulher, vire e volte para dentro as do homem, e encontrareis a ambas muito semelhantes’. Ele supõe a emissão de esperma da mulher como no homem, a diferença consistindo em que a elaboração desse humor é menos perfeita e menos completa na mulher: o que explica seu papel menor na formação do embrião. (FOUCAULT, 2021, p. 133-134).

Foucault aponta que docilizar um indivíduo significa torná-lo dócil, domesticado, isto é, torná-lo disciplinado, que por sua vez, aqui significa torná-lo conforme o modelo de masculinidade heterossexual. Ao fazermos essas referências, entendemos que meninos e meninas são vítimas de construções sociais que os/as fabricam a partir de uma heteronorma. Meninos e meninas são desde muito cedo disciplinados para se comportarem segundo o seu sexo.

No século XVIII, com a figura do filósofo das *Luzes*, Jean-Jacques Rousseau há uma edificação desta hierarquia dos sexos, uma vez que para Rousseau meninos e meninas devem ter seus papéis sociais cuidadosamente definidos. “Sem mãe não há filho” (ROUSSEAU, 1995, p. 22) ou “Se as mulheres voltarem a ser mães, logo os homens voltarão a ser pais e maridos” (ROUSSEAU, 1995, p. 21) são algumas das ideias eternizadas em *Emilio*, obra na qual o filósofo atribuíra às mulheres o estatuto de perfeição, no que diz respeito às suas características morais e biológicas condizentes com as suas funções da vida doméstica e maternais. Em nome do sexo, esse filósofo desmerecia a palavra feminina:

As mulheres têm a língua flexível; elas falam mais cedo, mais facilmente e mais agradavelmente que os homens. O homem diz o que sabe, a mulher diz o que agrada; um para falar tem a necessidade de conhecimento, o outro do gosto; um deve ter como objeto principal as coisas úteis, a outra, agradáveis. (ROUSSEAU, 1992, p. 54).

Por um lado, Rousseau alvitrava a dependência do sexo frágil em relação a seu oposto como condição natural. Por outro, ele sugeriu disciplinar os corpos, os sentimentos e os desejos para que um caráter dócil, passivo ficasse a salvo. Rousseau engendrou com

bastante ardil a naturalização do ser feminino a partir de um campo semântico marcado pela fragilidade e afetação. Em exemplo, o filósofo apresenta Sofia, seus “dotes” naturais e sua educação, como modelo da mulher genuína e do tratamento a ela adequado.

Justificai sempre os trabalhos que impondes às meninas, mas não deixeis de impô-los. O ócio e a indocilidade são os dois defeitos mais perigosos para elas, e os de cura mais difícil uma vez que os tenham adquirido. As meninas devem ser vigilantes e laboriosas; não é só isso: elas devem ser incomodadas cedo. Essa infelicidade, se é que se trata de uma infelicidade, é inseparável de seu sexo, e nunca se livrarão dela, a não ser para sofrer outras muito mais cruéis. Devemos treiná-las primeiro para as coisas obrigatórias, para que nunca lhes custem; devemos ensiná-las a domar todas as suas fantasias, para submetê-las às vontades de outrem. Nas nossas loucas instituições, a vida da mulher de bem é uma luta perpétua contra si mesma, e é justo que a mulher compartilhe o sofrimento pelos males que nos causou (ROUSSEAU, 1995, p. 509).

Sob a justificativa de que o trabalho é um dever indispensável ao homem social, em sua extensa descrição a propósito da escolha de uma profissão para *Emilio*, nem os meninos escaparam da rigidez de Rousseau, que afirmou:

Dáí ao homem um ofício que convenha a seu sexo e ao jovem um ofício que convenha à sua idade; toda profissão sedentária e caseira, que efemina e amolece o corpo não lhe agrada nem lhe convém. Nunca um jovem rapaz aspirou a ser alfaiate; é preciso ter arte para levar a esse ofício de mulheres o sexo para o qual ele não foi feito. A agulha e a espada não poderiam ser manejadas pelas mesmas mãos. Se eu fosse rei, só permitiria a costura e os ofícios de agulha às mulheres e aos coxos reduzidos a trabalhar como elas. Todo homem fraco, delicado, temeroso, é condenado por ela à vida sedentária; é feito para viver com as mulheres ou à maneira delas. Que exerça alguma profissão que lhes seja própria, muito bem; e, se forem absolutamente necessários verdadeiros eunucos, que se reduzam a tal estado os homens que desonram seu sexo exercendo empregos que não lhes convêm. Sua escolha anuncia o erro da natureza; corrija tal erro de uma maneira ou de outra, e só tereis feito o bem. Proíbo ao meu aluno os ofícios insalubres, mas não os ofícios penosos, nem mesmo os ofícios perigosos. Eles exercitam ao mesmo tempo a força e a coragem; são próprios unicamente para os homens; (ROUSSEAU, 1995, p. 256-257).

No livro V do *Emílio*, destinado à apresentação de Sofia, o autor traça a gênese da natureza feminina. A personagem é inserida na trama a partir dos termos: “Não é bom que um homem esteja só. *Emílio* é homem. Nós lhe prometemos uma companheira, é necessário dar-lhe. Essa companheira é Sofia” (ROUSSEAU, 1969, p. 692). O que fica

evidente nessa complementaridade de gêneros sugerida por Rousseau, se constitui mais no sentido unilateral do que recíproco. Eles se complementam no sentido de que na mulher é engendrada uma verve natural de correspondência e adaptação às carências e desejos masculinos: “um deve ser ativo e forte, o outro passível e fraco. É preciso necessariamente que um queira e possa; basta que o outro resista pouco. Estabelecido esse princípio, segue-se que a mulher é feita especialmente para agradar ao homem” (ROUSSEAU, 1969, p. 693). Considerando que Emílio foi criado para ser um homem independente e bom cidadão, Sofia não poderia sê-lo.

Ao se considerar papéis definidos a meninos e meninas, descritos por Rousseau (1995), compreendemos que um menino não pode brincar com bonecas, pois tal escolha anunciaria um erro da natureza; desonra o sexo, afemina seu corpo.

### **É de menino ou de menina?**

Pensando com Foucault (2009), para quem os discursos não se formam no fundo das ideias, mas, ao contrário, sua emergência é possibilitada por outros enunciados que tratam do mesmo objeto, ainda que dispersos, compreende-se que é justamente nessa dispersão, no tempo e no espaço, que se buscam a “ruptura acontecimental”; os estilhaços da(s) história(s), enfim, para fazer certa regularidade a partir da qual se configura um acontecimento discursivo, isto é, certa evidência de uma cultura visual heterocêntrica que se solidifica em docilizar meninas e virilizar meninos.

Podemos pensar e problematizar o conceito de “dispositivo pedagógico das bonecas”, concebidas e pensadas a partir dos conceitos de “dispositivo da sexualidade” e de “modos de subjetivação”, de Michel Foucault. A partir desses conceitos, mostra-se o modo como opera a mídia dos brinquedos na constituição dos sujeitos e subjetividades na contemporaneidade, na medida em que produz imagens, significações e saberes que se dirigem à “educação” dos meninos e das meninas, ensinando-lhes modos de ser/estar na cultura em que vivem.

O brinquedo participa da construção da infância por meio de complexos significados e práticas produzidas que revelam valores culturais, discursos, concepções e representações na sociedade. A cada momento histórico, forjam-se subjetividades próprias, pertencentes à cultura hegemônica consolidada.

Cientes de que as identidades infantis e suas representações são produzidas pelos discursos que se enunciam sobre ela, as representações sociais da infância são moldadas na e pela linguagem. A “virada linguística” concebe a linguagem como constituidora, ou seja, a linguagem forma sistematicamente os objetos sobre os quais narra. A cada época histórica forjam-se modelos hegemônicas, e certas narrativas são tidas como verdadeiras. Com a virada linguística, a verdade única deixa de existir, sendo substituída por verdades constituídas. Estas, a partir de então, são consideradas crenças, tendo como alvo de análise o processo pelo qual algo se torna verdade (SILVA, 2007). Michel Foucault (1993) explica que a linguagem e, conseqüentemente, os discursos não funcionam imunes aos controles sociais porque são atravessados pelas relações de poder.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral, de verdade: isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas, os meios pelos quais cada um deles é sancionado (FOUCAULT, 1993, p. 12).

Dessa maneira, a Figura 1 causa estranhamento, principalmente tendo em vista que a heterossexualidade e a homossexualidade são construções e práticas histórico-culturais produzidas no interior de cada sociedade. Mas, a homossexualidade na sociedade moderna se tornou também um fato social que se estabeleceu abrindo debates e discussões nos campos científico, jurídico e político. No horizonte dessas questões, os autores Peter Fry e Edward MacRae (1984) na obra *O que é homossexualidade* já ressaltavam que hoje ninguém “[...] acredita que as diferenças de comportamento entre os dois sexos [...]”, ou seja, masculino e feminino, “[...] possam ser explicadas apenas em termos de diferenças biológicas, pois reconhece-se que os papéis sexuais são forjados socialmente.” (FRY; MACRAE, 1984, p. 11). Com isso, o que está em jogo em questões comportamentais direcionados ao binarismo – homem/mulher – são os papéis sociais que ocupam esses indivíduos em determinadas funções e lugares que criaram raízes na sociedade brasileira.

Uma sociedade em que os meninos e as meninas desde cedo têm seus papéis definidos pela cultura que os rege, são tratados distintamente, principalmente ligados a comportamentos pré-estabelecidos (explicitado anteriormente) onde os meninos têm que usar vestimentas que não sejam de cor rosa (essa cor é destinada às meninas), brincar de carrinhos, jogar futebol; já, as meninas brincarem de bonecas, de casinha com suas tarefas

domésticas. Essas e outras regras sociais foram estabelecidas para que fossem rigidamente seguidas e controladas, caso burlem as normas, os pais estão cometendo “erros” e as crianças o tal do “desvio”, sendo reprimidos e rechaçados por não seguirem os “bons costumes” da família tradicional, pois sabemos que somos frutos de uma sociedade patriarcalista e sexista.

No âmbito dessas discussões, Peter Burke (2002) explana que o sexo foi abordado de maneira ousada a partir das reconceituações foucaultianas, que chega a aventar que a homossexualidade, na verdade a própria sexualidade, era invenção moderna, uma nova forma de discurso sobre os relacionamentos humanos. Burke (2002) comenta que, Foucault comparou esse discurso com “O modo pelo qual a atividade sexual era problematizada pelos filósofos e doutores” (BURKE, 2002, p. 79), na Grécia antiga, na Roma antiga e nos primeiros séculos d.C., observando, entre outras coisas, que os textos clássicos faziam referências a atos homossexuais, e não a pessoas homossexuais. De acordo com o autor:

[...] o sexo simbolizava (ou era construído como) um jogo competitivo entre vencedores “durões” e “frágeis” perdedores. Uma relação sexual entre homens não era vergonha em si, porém fazer o papel do subordinado ou “feminino” punha a honra em risco (BURKE, 2002, p. 79).

Quando estamos diante da imagem de um menino brincando de boneca (Figura 1), ficamos diante de grandes problemas, pois tanto um discurso médico que quer “corrigir”, quanto um discurso progressista que quer “libertar”, seria acreditar que uma brincadeira precisa dizer alguma coisa do que aquela criança é. E ainda que, o quê essa criança é, tem que ser definido e definitivo. A criança precisa se enquadrar em uma posição de gênero inteligível o mais cedo possível. Seja potencializando ou reprimindo os “excessos”, de um jeito ou de outro, estamos sempre tratando de uma identidade essencial. Nessa questão, Berenice Bento em entrevista concedida a Diego Madi Dias (2014) enfatizou que “o gênero serve para construir corpos, é uma máquina de produção em série de seres humanos. Se você tem pênis, é homem; se tem vagina, é mulher. *Em ambos os casos você deve ser heterossexual*” (DIAS, 2014, p. 485, grifos nossos).

Partindo do estranhamento ao ver um menino brincando ou desejando ter uma boneca, não pretendemos fazer uma crítica aos pais; pode ser difícil saber o que fazer, embora o ideal seja que fôssemos menos obcecados com essa ideia de identidade. Porém,

partindo do princípio de que pais angustiados procurem médicos, se os médicos com o poder que têm, aconselhasse-os a ficarem tranquilos, pois “isso é brincadeira de criança”. Podemos trazer o exemplo do livro *O menino que brincava de ser* de Georgina Martins (2008) que narra a história de um garoto que gostava de brincar de faz de conta e nesse espaço mágico ele encarnava uma bruxa, outras vezes Peter Pan, para o desespero dos pais. Nesse processo, os pais de Dudu o levam em vários médicos e todos repetem: seu filho é saudável, deixe-o brincar. Por fim, o médico endocrinologista aconselha os pais de Dudu a procurarem ajuda para se livrarem dos preconceitos. Seria bom um médico *queer* que dissesse “isso não é importante, o deixa brincar de boneca, se ele for pai um dia vai ser bom para esse menino treinar desde agora como cuidar de uma criança, assim como ensinam as meninas”.

Deixem as crianças brincarem livremente e, provavelmente, veremos uma grande liberdade de composição e fantasias, pois se tensionarmos a noção de gênero e identidade de gênero veremos que essa categoria produz incessantemente hierarquias assimétricas e desiguais nos meninos e meninas.

O controle, a hierarquização e a normatização dos corpos de meninos e meninas contam, além das diferentes formas do poder disciplinar, com uma prática muito sutil e cotidiana. O poder disciplinar (FOUCAULT, 1977) atrelado à heteronormatividade assegura a ordenação das “multiplicidades humanas” em relação às identidades de gênero. Ele se volta para o controle das individualidades, do funcionamento do poder e da disciplina para o ordenamento ou direcionamento da conduta humana. Dessa forma, percebemos que uma das principais ferramentas heteronormativas da sociedade é a de transformar as diferenças que as crianças trazem em casos específicos, em patologias.

### **Considerações finais**

A partir deste referencial, podemos afirmar a existência de uma hierarquização e normatização dos corpos de meninos e de meninas desde muito cedo. Uma cultura heterocêntrica que se firma e solidifica suas bases em docilizar meninas e virilizar meninos, desde seu nascimento.

É evidente uma multiplicidade de saberes sobre a sexualidade de meninos e de meninas em que seus contornos delineiam subjetividades e, por conseguinte, comportamentos a serem seguidos para um e para o outro. Evidencia-se também, o fato

do processo de docilização de meninas e virilização de meninos não ser problematizado como um construto sócio-histórico, no qual meninos e meninas são submetidos a um jogo e, neles, ambos estão em processos de perdas.

A discussão encampada neste artigo nos permitiu entender que os efeitos de verdade concernentes à sexualidade dos sujeitos, só podem ser formulados graças a um conjunto heterogêneo de discursos construídos socialmente. Foi possível também compreender a hierarquia entre os sexos, assim como os saberes da sexualidade são construídos socialmente por meio de saberes oriundos de discursos médicos, religiosos, antropológicos, bem como discursos de senso comum, entre outros. Com isso, a hierarquia entre os sexos permanece na contemporaneidade, frutos de pensamentos sexistas, patriarcais e biologicistas.

## Referências

- BALISCEI, João Paulo. **Provoque**: cultura visual, masculinidades e ensino de artes visuais. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto, 2011, p. 549-559.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. SP: Ed. UNESP, 2002.
- CATTONÉ, Jean-Philippe. **A sexualidade, ontem e hoje**. São Paulo: Cortez, 1994.
- DIAS, Diego Madi. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 43, p. 475-497, dez. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_art-text&pid=S010483332014000200475&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S010483332014000200475&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 09 set. 2022.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão José Augusto Guilhon Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade IV**: as confissões da carne. [compilação] Frédéric Gros; tradução Heliana de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MARTINS, Georgina da Costa. **O menino que brincava de ser**. São Paulo, Difusão Cultural do Livro, 2008.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NUNES, Sílvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou da educação**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emile**. Oeuvres complètes. IV. Édition publiée sous la direction de Bernard Gagnebin et Marcel Raymond. Paris: Gallimard, 1969.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.